

O PRIMO BASÍLIO: CRÍTICA GASTRONÔMICA DA BURGUESIA LISBOETA

José Roberto de Andrade⁵²

RESUMO:

Este trabalho analisa a utilização da gastronomia na caracterização e na problematização de alguns personagens de *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. Eça incorpora a comida para criticar, com fina ironia, as singulares condições, perspectivas e limitações da sociedade portuguesa do século XIX. As refeições do romance concretizam o descompasso entre o ideal de grandeza e a pequenez cotidiana, a estereotipia do olhar destinado ao outro e a reificação das relações humanas.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Eça de Queirós; Gastronomia; O Primo Basílio.

ABSTRACT:

This paper analyses the use of gastronomy in the characterization and problematization of some characters featured in *O Primo Basílio*, by Eça de Queirós. Eça makes use of food to, through fine irony, criticize the singular conditions, perspectives and limitations of nineteenth-century Portuguese society. The meals portrayed in the aforementioned novel provides concrete expression to the imbalance between the ideal of grandeur and the pettiness of everyday life, the stereotyping look towards the other(s) and the reification of human relations.

Key-words: Portuguese literature; Eça de Queirós; Gastronomy; O Primo Basílio.

⁵² Professor do Instituto Federal da Bahia (IFBA), campus Jacobina, e doutorando na Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: andrade.escolas@gmail.com. Este artigo é resultado parcial da investigação de doutorado que está sendo realizada na UFBA.

Eça de Queirós (1845-1900) não se destacou como grande cozinheiro, mas sua literatura deixou marcas na cozinha portuguesa. Eça deixou clara a importância da gastronomia em vários de seus textos jornalísticos, dos quais o mais exemplar e programático talvez seja o artigo conhecido como “Cozinha Arqueológica”, publicado em 1893, na *Gazeta de Notícias*. Nele, Eça afirmou: “a mesa constituiu sempre um dos fortes, se não o mais forte alicerce das sociedades humanas” e “O caráter de uma raça pode ser deduzido simplesmente de seu método de assar a carne” (III, p.1226)⁵³. A declaração ressalta a intrínseca relação entre comida e sociedade, que Eça reforça, ao adicionar: “a cozinha e adega exercem uma tão larga e direta influência sobre o homem e a sociedade”, por isso “dize-me o que comes, dir-te-ei o que és” (III, p.1226). Penso que o escritor não se incomodaria se acrescentasse “com quem” e “como”, a este último período: “diga-me o que comes [como comes e com quem comes] e dir-te-ei quem és”. O acréscimo é apropriado, pois Eça destaca a necessidade de se fazer a “arqueologia” — daí o título do artigo — do sistema culinário greco-romano, ou seja, dizer o que, com quem e como a sociedade comia para entender as relações entre cozinha, processos de cozimento e relações sócio-políticas. As asserções de Eça, tomadas na perspectiva da proposta de representação realista da sociedade portuguesa, significam, em alguma medida, considerar a cozinha e a comida como forma de caracterizar personagens e sociedade. Seria também matéria a ser observada e moldada nas narrativas. No caso de Eça de Queirós, essa interpretação torna-se mais consistente à medida que se lê a obra. O escritor português não só propôs a observação da cozinha nas sociedades clássicas, ele considerou, em certa medida, a gastronomia como *arqué* — elemento básico — das representações da sociedade portuguesa. *Arqué* que foi notada por vários de seus leitores e críticos.

Já em 1878, Machado de Assis teve sua atenção despertada pela comida. Na conhecida crítica sobre *O Primo Basílio*, Assis arrolou “a pilha de doces”, da confeitaria em que se encontram casualmente Sebastião e Juliana, e “o longo jantar do Conselheiro Acácio” entre os itens que configurariam a exagerada preocupação de Eça pelo acessório. A excessiva ênfase no acessório decorreria das preocupações com os princípios da escola realista: “O sr. Eça de Queirós não quer ser um realista mitigado, mas intenso e

⁵³ Os trechos da obra de Eça de Queirós foram retirados da edição, em quatro volumes, publicada pela editora Aguilar, sob a coordenação de Beatriz Berrini. Nas citações, referir-me-ei simplesmente aos volumes (I, II, III e IV) e às páginas.

completo” (ASSIS, 1997, p. 908). Sem a visão do todo, Assis não conseguiu intuir que, para ser zeloso com os princípios da escola, Eça poderia ter dado atenção somente ao guarda-roupa. Mas foi zeloso com a comida, também. Ao argumento do excesso, portanto, pode-se contrapor o da coerência gastronômica que se constitui ao longo da obra. O cuidado com a comida só fez aumentar de quantidade e qualidade nas obras e versões posteriores, reforçando a hipótese de que o autor de *Os Maias* pode ter escolhido a cozinha como elemento fundamental de seu projeto de representação de Portugal. Elemento fundamental que foi percebido por vários estudiosos da sua obra. José Werneck (1946), Alfredo de Campos Matos (1988), Alves (1992), Maria José de Queirós (1994), José Quitério (1997), Beatriz Berrini (1995 e 1997), e Ana Luísa Vilela (1997 e 2012) notaram que o tratamento zeloso da comida não foi, como imaginou Assis, um exagero de escola. Nas narrativas ecianias, as cenas gastronômicas estruturam o ambiente moral e material, servem à caracterização das personagens, ao desenvolvimento do enredo e ao exercício da crítica e da sátira. Assim, a cozinha ordena o universo narrativo de Eça e revela uma importante possibilidade de interpretação de seu projeto de representação da sociedade portuguesa.

Em artigos anteriores procurei destacar como esse projeto se materializa em *O Crime do Padre Amaro*, *Os Maias*, *A Relíquia* e *O Mandarim*. Aqui, analisarei o célebre e “longo” jantar, a que Assis se referiu, oferecido por Conselheiro Acácio, para comemorar sua nomeação “ao *Grau de Cavaleiro da Ordem de São Tiago*, atendendo aos seus grandes merecimentos literários, às obras publicadas de reconhecida utilidade, e mais partes...” (I, p. 678). A análise procurará exemplificar como Eça de Queirós, elabora e “tempera”, com esmero e cuidado de grande “cozinheiro”, personagens e enredo.

O Primo Basílio, publicado em 1880, tematiza a família da burguesia média de Lisboa. O casal Jorge e Luísa vive a placidez e a estabilidade de um casamento burguês. As exigências do trabalho de Jorge, um engenheiro de minas, levam-no a viajar pelo Alentejo e deixar Luísa, solitária e entediada, em Lisboa. Nesse momento, volta do Brasil o primo Basílio, com quem Luísa conviveu e namorou na adolescência. Ele se reaproxima da prima, inicia um jogo de sedução e é correspondido. E “o adultério de Luísa é a causa de sua destruição” (REIS, 2000, p.50). A criada, Juliana, apodera-se de uma carta de amor dirigida a Basílio e chantageia a patroa. Com a ajuda de Sebastião, amigo fiel do casal, a carta é recuperada e Juliana morre, mas Jorge descobre a traição e

a tragédia atinge o núcleo familiar. O jantar acontece no capítulo XI. Jorge já voltou do Alentejo, mas ainda não suspeita da traição da esposa.

Alfredo de Campos Matos caracterizou Acácio como “símbolo da gravidade balofa e da respeitabilidade burguesa convencional” (MATOS, 2009, p. 447). A personagem mantém relações amistosas com figuras da burguesia lisboeta, entre elas Jorge e Luísa, faz declarações laudatórias aos poderes estabelecidos e produz “obras patrióticas”, que vão lhe render, também, sua nomeação ao “Grau de Cavaleiro da Ordem de São Tiago”.

Vimos anteriormente que a “arqueologia” gastronômica deve considerar três aspectos: a comida (o que comes), a companhia (com quem comes) e o comportamento à mesa (como comes). Começarei pelo segundo item; passarei ao terceiro e, por fim, voltarei ao primeiro.

Com quem comes

Acácio convida os amigos “para um [...] modesto jantar de rapazes” (I, p. 678). Além do anfitrião, serão cinco os convidados. Três já conhecidos do leitor, nos primeiros capítulos do romance: Jorge, Sebastião e Julião. Na casa do Conselheiro, eles vão partilhar a mesa com mais dois convivas:

O Sr. Alves Coutinho:

quando o seu olhar parvo se fixava nas pessoas, com pasmo, o seu bigode pelado arreganhava-se logo por hábito, num sorriso alvar que mostrava uma boca medonha cheia de dentes podres; falava pouco, [...] concordava em tudo; havia nele o ar de um deboche banal e de um embrutecimento antigo. Era um empregado do ministério do Reino, ilustre pela sua boa letra. (I, p. 679)

e o conhecido Saavedra

redator do *Século*. A sua face branca parecia mais balofa; o bigode muito preto reluzia de brilhantina; as lunetas de ouro acentuavam o seu tom oficial; trazia ainda no queixo o pó-de-arroz, que lhe pusera momentos antes o barbeiro; e a mão, que escrevia tanta banalidade e tanta mentira, vinha aperreada numa luva nova, cor de gema de ovo. (I, p. 679)

Anfitrião e convidados compõem uma boa representação da burguesia média masculina da Lisboa do XIX: Jorge, Julião e Sebastião, já apresentados, mais um funcionário do reino, dono de boa letra, ar debochado, dentes podres e sorriso de tolo; e

um mentiroso redator do Século. Essa diversidade também vai garantir uma conversação animada: O inconformado Julião e o mentiroso Saavedra vão apimentar a conversa com provocações dirigidas aos pacatos Jorge, Sebastião e, principalmente, Acácio, que também terá o papel de mediador dos debates. Alves Coutinho vai concordar e se satisfazer com o que for conveniente.

Como comes

O comportamento abrange desde mastigação e manejo de talheres até a conversação. Aqui, tratarei dos diálogos e da relação de anfitrião e convidados com talheres, bebidas e comida.

O comportamento de anfitrião e convidados não só seria modelo de um cavalheiro, se considerássemos a conhecida ironia de Eça de Queiros. Ele vai pinçar e qualificar os gestos, trejeitos e hábitos das personagens, para confirmar e reforçar a descrição que se fez deles. Dos seis, só Jorge e Sebastião são poupados. Os outros serão tratados com acrimônia.

A acidez dedicada a Julião e Acácio é menor. Enquanto Filomena serve vitela assada, o primeiro pouca “os cotovelos sobre a mesa” e escabicha “os dentes com a unha” (I, p. 683). E o segundo é flagrado usando o garfo como extensão do dedo: “Não dê ouvidos a estas doutrinas! — Com o garfo mostrava a figura biliosa de Julião. — Mantenha a sua alma pura” (I, p. 683).

A Alves Coutinho e Saavedra, Eça dispensa um tratamento mais corrosivo. O segundo, num dos momentos do jantar, “esvaziou o copo e limpou os beiços”, para, em seguida, meter “as mãos nos bolsos, firmando-se nas costas da cadeira” (I, p. 683). Conversa e pede “mais arroz. Devorava” (I, p. 682). Nos momentos em que a temática é tensa ou que não é conveniente se posicionar, ele enche “a boca de vitela” (I, p. 684) ou “calava-se, ocupado com o alimento”. E para arrematar: desabotoa “a fivela do colete”; espalhava-se-lhe no rosto gordo uma cor de enfartação, e sorria vagamente, inchado” (I, p. 685). Alves Coutinho é pintado de “olho afogado” pelo “cozidinho” (I, p. 681). Também usa uma estratégia típica dos glutões: “calava-se, [...] engolindo buchas de pão” (I, p. 684). Nas pilherias e provocações de Saavedra, Coutinho demonstra prazer e sua boca “dilatava-lhe numa admiração sensual” (I, p. 682). Dessa personagem, Eça

também destaca a paixão incontida pelos “belos doces”. No momento da sobremesa, ele extasia-se com “a abundância das travessas de doce” e chega a esquecer

as mulheres, e, voltado para Sebastião, discutia gulodices. Indicava as especialidades: para os folhados, o Cocó! Para as natas, o Baltreschi! Para as gelatinas, o Largo de S. Domingos! Dava receitas; contava proezas de lambarice, revirando os olhos (I, p. 687)

Alves parece preferir doces a mulheres, mas não deixa de procurá-las: “o tempo que não dedicava ao serviço do Estado, dividia-o, com solicitude, entre as confeitarias e os lupanares” (I, p. 687). A gula do empregado do Ministério do Reino por doces e a preferência pelos amores de serralho justificam, em certa medida, sua boca cheia de dentes estragados e suas atitudes pouco polidas à mesa.

A relativa falta de polidez à mesa ou a polidez de ocasião e de aparência vai ser reforçada na conversação, que também caracteriza as personagens. No jantar do Conselheiro, a conversa inicia na constituição italiana, passa pelo casamento, tematiza as mulheres, a oposição alma/corpo e finda com um brinde à família real. Na dinâmica da conversação, Acácio é provocado por Julião e Saavedra, mas revela-se hábil para conduzir o diálogo e manter a “respeitabilidade do lar burguês”. Como a cena é extensa, procurarei sumarizar as passagens e dar destaque a dois ou três momentos, começando pela intenção do Anfitrião:

Conselheiro que julgava do seu dever dar à conversação nobreza e interesse, disse, limpando devagar o bigode da gordura da sopa:

— Dizem-me que é muito liberal a Constituição da Itália!” (I, p. 681).

A imagem que Acácio faz de uma conversação nobre é diferente da imagem que fazem Saavedra e Julião; este logo apimenta a conversa: “se a Itália fosse liberal devia ter há muito expulso a coronhadas o Papa, o sacro colégio, e a sociedade de Jesus!” (I, p. 681). A sugestão de escorraçar os símbolos da igreja dão outros rumos à nobreza imaginada pelo anfitrião. Acácio ainda pede “a benevolência [...] para o ‘chefe da Igreja”” (I, p. 681), na tentativa de manter o “nível elevado”, mas Saavedra e Julião se juntam para alfinetar a carolice de Acácio, que se vê obrigado a se defender e se revelar que não é “ultramontano”, nem defende “o restabelecimento da perseguição religiosa”, mas crê em Deus e entende que :

[...] a religião é um freio

— Para os que o precisam... — interrompeu Julião.

Riram; [...]. O Conselheiro respondeu, dispondo na travessa as rodela do paio:

— Não o precisamos nós decerto, que somos as classes ilustradas. Mas precisa-o a massa do povo [...]. Senão veríamos aumentar a estatística dos crimes.

[...]

O Conselheiro continuava, explicando:

— Como dizia, sou liberal, mas entendo que algumas litografias ou gravuras, alusivas ao mistério da Paixão, têm o seu lugar num quarto de cama, e inspiram de certo modo sentimentos cristãos. Não é verdade, meu Jorge? (I, p. 682)

Para as classes esclarecidas, os motivos religiosos podem decorar o quarto e inspirar sentimentos cristãos. Para o povo, deverá servir de freio. E o tema é motivo de ironia e sarcasmo e pretexto para tiradas libertinas de Saavedra: “Eu, num quarto de dormir, as únicas pinturas que admito são uma bela ninfa nua, ou uma bacante desenfreada!” (I, p. 682). Os convivas acham graça e voltam às mulheres. E o redator do *Século* aproveita para falar das preferências — “aos quinze anos gosta-se de uma matrona cheia, aos cinquenta de um frutozinho tenro...” (I, p. 686) — e fecha com o bordão do solteirão assumido: “o casamento era um fardo; não havia nada como a variedade...” (I, p. 686).

Além de política italiana e mulheres, também se fala da situação política de Portugal: “E o ministério, cai ou não cai?” (I, p. 683). A pergunta de Julião não motiva a exposição de princípios políticos. Os convivas tomam-na como pretexto para falar de suas insatisfações pessoais. Saavedra “declarou que [...] aquele escândalo podia continuar!”. O escândalo a que ele se refere foi o grupo do poder tê-lo preterido na nomeação de um parente:

— Ele tinha-os apoiado, não é verdade? E com lealdade. [...] Sempre o fora em política! Pois bem, não lhe tinham despachado o primo recebedor de Aljustrel, tendo-lho prometido! E nem lhe tinham dado uma satisfação. Assim não era possível fazer política! (I, p. 683-684)

E Jorge não é diferente:

Jorge alegrava-se que viessem outros; talvez lhe dessem de novo a sua comissão no Ministério; e ele o que queria era estar quieto ao seu cantinho... (I, p. 684)

A mudança é uma maneira para reconquistar o prestígio perdido. Só Julião defende uma modificação mais radical:

— Ou que caíam ou que fiquem — disse Julião — que venham estes, ou que venham aqueles... Obrigado, Conselheiro — e recebeu o seu prato de vitela — ... é-me inteiramente indiferente. É tudo a mesma podridão! [...] e esperava breve que, pela lógica das coisas, uma revolução varresse a porcaria... (I, p. 684)

A “revolução” desperta reações conservadoras. Alves Coutinho assusta-se. Conselheiro lembra “os excessos da Comuna...” (I, p. 684). E Saavedra surpreende e, talvez incomodado com a possibilidade de mudanças radicais, declara sua simpatia pela República:

— Eu no fundo sou republicano...

— E eu — disse Jorge.

— E eu — fez o Alves Coutinho, já inquieto. — Contem-me a mim também!

— Mas — continuou o Saavedra — sou-o em princípio. Porque o princípio é belo, o princípio é ideal! Mas a prática? Sim, a prática? — E voltava para todos os lados a sua face balofa.

— Sim, na prática! — exclamava o Alves Coutinho, em eco admirativo.

— A prática é impossível! — declarou o Saavedra. E encheu a boca de vitela. (I, p. 684)

A revolução está associada ao medo, pela lembrança dos acontecimentos recentes da Comuna de Paris, e a República aparece como uma possibilidade menos traumática. Além disso, a adesão é de ocasião, teórica, aparente. “Ser”, aqui, significa “estar”, de acordo com a conveniência.

Mesmo no momento em que se questiona a lamentável condição do povo e dos trabalhadores, a maior parte do grupo tergiversa. Sebastião, questionado sobre o regime monárquico, cora, considera-se inapto para falar do tema, mas descreve sua percepção dos fatos:

parecia-lhe que os operários eram malpagos; a miséria crescia; os cigarreiros, por exemplo, tinham apenas de nove a onze vinténs por dia, e, com família, era triste....

— É uma infâmia! — disse Julião encolhendo os ombros.

— E há poucas escolas... — observou timidamente Sebastião.

— É uma torpeza! — insistiu Julião.

[...]

— Meus bons amigos, falemos de outra coisa. É mais digno de portugueses e de súditos fiéis. (p. 684-685)

Só Julião apoia as observações sobre as horríveis condições de trabalho e educação. Saavedra cala-se, sorri e come. E Conselheiro fecha a conversa com um apelo para voltarem à dignidade de súditos fiéis. A considerar a atitude discursiva e gestual das personagens, a revolução assusta; antes dela, talvez seja possível pensar na República, desde que o *status quo* não se modifique.

Durante o jantar, os seis homens conversam, às vezes exaltadamente, demonstram suas simpatias e antipatias, mas não insistem na sua defesa de ideias nem na manutenção de temas polêmicos. Considerados assim, são ótimos convivas, pois passam de um assunto a outro e não se apegam a nenhum, animando a conversa, sem deixar que as possíveis diferenças alterem demais os ânimos. Acácio é hábil para conduzir o debate e não se deixa irritar pelas provocações de Julião e Saavedra, que cedem aos pedidos do anfitrião e mantêm a dignidade e fidelidade de súditos portugueses. Por isso, no final do jantar, a avaliação de Acácio é positiva. Ele sente “prazer [...] passar assim as horas entre amigos, de reconhecida ilustração, discutir as questões mais importantes, e ver travada uma conversação erudita” (I, p. 687).

Conversação que termina com champanhe e discursos laudatórios. No primeiro, Saavedra homenageia o anfitrião:

Conselheiro, é com o maior prazer que bebo, que todos bebemos, à saúde de um homem, que [...], pela sua respeitabilidade, a sua posição, os seus vastos conhecimentos, é um dos vultos deste país. À sua saúde, Conselheiro! (I, p. 687)

Não deixa de ser ironia, Eça ter escolhido Saavedra, conhecido pelas mentiras que escreve no *Século*, para propor o brinde e destacar o conhecimento e a importância de Acácio para o país. Ficar sempre uma dúvida: os elogios são falsos? Essa pergunta tem uma resposta possível, mas depois dos licores e dos charutos. Antes de chegar neles, há o discurso de conselheiro. Um pouco longo, mas vale a pena retomar os parágrafos finais:

Não esqueçamos, [...] de fazer votos pelo ilustrado monarca, que deu às neves da minha frente, antes de descerem ao túmulo, a consolação de se poderem revestir com o honroso hábito de S. Tiago! Meus amigos, à família real! [...] à família modelo, que sentada ao leme do Estado, dirige, cercada dos grandes vultos da nossa política, dirige... [...] a barca da governação pública com inveja das nações vizinhas! A família real!

— À família real! — disseram com respeito. (I, p. 688)

O brinde final não deixa dúvidas sobre a arquitetura moral de Acácio: conservador, monarquista, patriota e tudo mais que o fez merecer a distinção da Ordem de São Tiago. A conversação também não deixa dúvida sobre os pilares morais dos convidados: machos, celibatários ou casados, monarquistas ou republicanos de ocasião, que não querem a revolução. Até aceitam uma mudança de regime, desde que mantenham seu pecúlio, suas propriedades, sua posição social e sua influência. Têm, na ponta da língua, exclamações de repúdio à miséria, à pobreza, mas, como veremos a seguir, não se incomodam de manter as criadas a soldo baixo em casa, para inclusive, outros fins que não trincar o assado e servir os licores.

O que comes e quem serve a comida

As opções do cardápio são simples e podem ser encontradas em outros jantares e almoços das obras de Eça⁵⁴: “sopa muito quente, [onde se] agitavam os longos canudos brancos e moles do macarrão”, cozido, assado de vitela, peixe, acompanhados com o “arrozinho” e vinho, doces variados, licores, champanha e café. No jantar do Conselheiro, a particularidade não está nos pratos em si, mas em três dados adicionais: na qualificação do repasto, nas criadas que recebem os convidados e servem os pratos e no espaço em que a ação ocorre.

“Não esperem o festim de Lúculo: é apenas o modesto passadio de um humilde filósofo!” (I, p. 681), diz Acácio quando a criada avisa que o jantar vai ser servido. A afirmação do Conselheiro pode ser lida como modéstia, pois o menu não é, nem de longe, comparável àqueles dos festins dados por Lícínio Lúculo, general romano morto cerca de 56/57 a. C. Esse general passou para a história pela batalhas que travou e por oferecer faustosos banquetes, que o historiador Roy Strong (2004) classificou como dignos de “sibaritas” — referindo-se à fama dos habitantes da antiga cidade grega de Síbaris: muito ricos e cultores dos prazeres físicos, da voluptuosidade e da indolência. Se o jantar de Acácio não se assemelha aos de Lúculo, a comparação demonstra, além de uma relativa modéstia, que o anfitrião conhece a história e talvez aprecie a indolência

⁵⁴ Com poucas diferenças, os itens do cardápio podem ser encontrados, por exemplo, no jantar do Abade da Cortegaça, n’*O Crime do Padre Amaro*, e em cenas d’*Os Maias*. Quanto à composição e serviço da mesas da burguesia portuguesa, veja Braga, 2004. Veja-se também Andrade, 2012.

e a voluptuosidade. O cultivo dos prazeres físicos, que não se revelou no discurso, vai se mostrar nas criadas e nos objetos da casa.

As criadas são três:

- a) A “rapariguita” que recepciona os convidados: “Na quinta-feira, os três, [...] eram introduzidos por uma rapariguita vesga, suja como um esfregão, na sala do Conselheiro” (I, p. 678).
- b) Filomena, “uma criada, de avental branco, muito nutrida” (I, p. 680), que anuncia o jantar e, depois, se encarrega do serviço dos pratos.
- c) E Adelaide que, já no final do jantar, Acácio pede para “trazer os licores” e que os convidados podem, então, conhecer:

uma bela mulher de trinta anos, muito branca, de olhos negros e formas ricas, com um vestido de merino azul, trazendo numa bandeja de prata, onde tremelicavam copinhos, a garrafa de *cognac* e o frasco de curaçau.

— Boa moça! — rosou com o rosto aceso o Alves Coutinho.

Julião quase lhe tapou a boca com a mão. E falando-lhe ao ouvido, [...] recitou:

Não ouse, temerário, erguer teus olhos

Para a mulher de César!

A reação de Alves Coutinho e de Julião indica que talvez Acácio não mantenha uma rapariga jovem e bonita somente para o serviço do licor. Várias interpretações podem ser dadas à manutenção de três criadas com essas características. A mais produtiva, parece-me, considera a prospecção e interiorização do espaço do Conselheiro. Da porta da rua para o quarto, vai-se do feio ao belo, do sujo ao limpo, do assexuado ao sexuado, do casto ao devasso. Por isso, Julião percebe imediatamente que Adelaide é a “a mulher de César”, e que a sob a capa de cordeiro celibatário está um lobo devasso.

Nesse momento da cena, Conselheiro já levava os amigos para conhecer os espaços da casa. Apresentou a sala decorada com um quadro representando uma cena da *Iliada*, o mudo e triste piano e a mesa de jogo sobre a qual jaziam “dois castiçais de prata, uma galguinha de vidro transparente” e, a peça mais quente pelo uso, “uma caixa de música de dezoito peças!” (I, p. 678); a mesma caixinha que, depois do brinde final dedicado à família real, toca a marcha nupcial, enquanto Acácio distribui charutos e Adelaide serve os licores.

No escritório, ou “*Sanctus Sanctorum!*”, com a escrivaninha de trabalho, “o tinteiro de prata, os lápis muito aparados, as régua bem dispostas”, E arrematando o arranjo, “a *Carta Constitucional* ricamente encadernada” e “encaixilhada, na parede, pendia a *carta régia* que o nomeara Conselheiro; defronte uma litografia de el-rei”. No escritório, Julião também percebe pilhas de livros cobertos com um “xale-manta pardo”.

O quarto o leitor conhece porque Julião pede para “lavar as mãos”, antes de sentar à mesa para o repasto:

Julião, sempre curioso, observou, surpreendido, duas grandes litografias [...] — um *Ecce homo!* e a *Virgem das Sete Dores*. [...] Abriu então a gavetinha da mesa-de-cabeceira, e viu, espantado, uma touca e o volume brochado das poesias obscenas de Bocage! Entreabriu os cortinados fechados; e teve a consolação de verificar, — que havia sobre o travesseiro duas fronzinhas chegadas de um modo conjugal e terno! (I, p. 680-681)

O movimento nos espaços também se faz do exterior para o interior. E é no quarto que o leitor tem diante de si, à vista, os motivos de inspiração cristã: Cristo e a Virgem. Na gaveta ou entre os cortinados, estão a luxúria e a devassidão: o volume das poesias obscenas de Bocage e as “fronzinhas”. Quando Adelaide traz o licor, Julião compreende imediatamente: é dona da fronzinha para quem a marcha nupcial toca.

Acácio cultivava, nos espaços públicos e aparentes, a imagem de celibatário, de ilustrado, de monarquista, respeitador dos bons costumes burgueses, mas é um libertino, em sua própria casa, amancebado com a criada. Acácio é uma figura simbólica da elite burguesa lisboeta do período, que procura viver de aparências, que lhe rendem um bom soldo, uma boa casa, boa comida, o amor das criadas, amigos respeitáveis, boa conversação à mesa e, vez ou outra, uma distinção do Rei. Não por acaso, a revelação final do jantar é a descoberta dos livros escondidos sob o xale-manta:

enquanto se bebia o curaçu, Julião pé ante pé dirigiu-se ao escritório, e foi erguer a ponta do xale-manta pardo que tanto o preocupava; eram rumas de livros brochados, atadas com guitas — as obras do Conselheiro intactas! (I, p. 689)

Revela-se aqui mais uma faceta dessa sociedade de aparências. A ordem de São Tiago foi dada a Acácio também pelos livros que escreveu, mas nunca foram lidos. O estoque inteiro está lá, intacto. Saavedra estava mentindo, portanto. Ele nunca leu as obras de Acácio para saber se elas contribuíram para o engrandecimento de Portugal. Talvez não seja coincidência, Saavedra ter qualificado o Conselheiro de um “dos grandes vultos” da política portuguesa. Vulto, além de “importante”, pode se referir à

“falta de nitidez” de uma imagem. Falta de nitidez que Acácio não deixa de cultivar. Nesse episódio do jantar, Acácio é o alvo central da irônica pena de Eça. O zelo de Eça seria para evidenciar o caráter ambíguo da personagem, sem expô-lo repentinamente. A imagem de Acácio, embora revelados os detalhes íntimos, permanece socialmente “intacta”. As críticas que se fazem a ele podem ser estendidas a toda a uma casta da burguesia lisboeta do XIX. Burgueses que se mostram liberais e preocupados com a condição popular, mas se aproveitam da Monarquia como se aproveitariam da República, pois suas posições são sempre de conveniência. Julião que o diga. Depois do jantar e antes do final do romance, ele participa de um concurso e, preterido, faria

um escândalo, mas... — e teve um risinho — amansaram-me! Estou num posto médico, deram-me um posto médico! Atiraram-me um osso!”

[...]

— Agora, roê-lo.

[...] O posto médico não é mau... Em definitivo, a situação melhorara...

— Mas mesquinha, mesquinha! Não saio do atoleiro...

Estava farto de Medicina, disse depois de um silêncio. Era um beco sem saída. Devia-se ter feito advogado, político, intrigante. Tinha nascido para isso! (I, p. 730-731)

O mais combativo e provocador dos convidados do jantar amansa-se com o osso que lhe atiram para roer e reconhece que, no país em que almoça e janta, teria sido melhor se dedicar à advocacia, à política ou à intriga, enfim.

Referências Bibliográficas

ALVES, Dario Moreira de Castro. *Era Tormes e Amanhecia: dicionário gastronômico cultural de Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: Nordica, 1992.

ANDRADE, José Roberto de. Comer e comer: um verbo, dois (re)cortes em *O Crime do Padre Amaro*. *Revista Eletrônica do IFBA*. Ano 3, Nº 3, Julho-Dezembro/2012, pp. 33-45. Disponível em <http://www.revistapindorama.ifba.edu.br/ed_atual.php>. Acesso em 16 jan. 2013.

ANDRADE, José Roberto de. Culinária e modificações do gosto em Eça de Queirós: *O Crime do Padre Amaro e Os Maias*. In: Petrov, Petar; Sousa, Pedro Quintino de; Samartim, Roberto López-Iglésias & Torres Feijó, Elias J. (eds.). *Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas. De Eça de Queirós a Fernando Pessoa*. Santiago de

Compostela—Faro: Associação Internacional de Lusitanistas—Através Editora, 2012, pp. 141-158.

ASSIS, Machado. Eça de Queirós: O Primo Basílio. In: _____. *Obra Completa*. V. III. Rio de Janeiro; Aguillar, 1997, pp.903-913.

BERRINI, Beatriz (Org.). *Comer e beber com Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: Index, 1995.

BERRINI, Beatriz. Eça de Queirós e os prazeres da mesa. *Semear*, Rio de Janeiro, v. 01, n. 01, p. 53-66, 1997.

MATOS, Alfredo de Campos (Org.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1988.

MATOS, Alfredo de Campos. *Eça de Queirós. Uma biografia*. Porto: Edições Afrontamento, 2009

MONTANARI, Massimo. *La Comida como cultura*. Espanha: Ediciones Trea, 2004

QUEIRÓS, Eça de. *Obra Completa: quatro volumes*. Organização geral, introdução, fixação dos textos autógrafos e notas introdutórias Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Aguilar, 1997.

QUEIRÓS, Maria José de. *A Literatura e o gozo impuro da Comida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

QUITÉRIO, José. *Livro do bem comer: crônicas de gastronomia portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.

REIS, Carlos. *O essencial sobre Eça de Queirós*. Lisboa: Ed. Imprensa Nacional, 2000.

SAVARIN, Brillart. *A fisiologia do gosto*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

STRONG, Roy C. *Banquete: uma história ilustrada da culinária e dos costumes e da fartura à mesa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

WERNEK, Francisco José dos Santos. *As ideias de Eça de Queirós*. Rio De Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1946.